

TERESA E O AQUÁRIO

EU NÃO

Eu não sou Teresa. Eu não existo neste lugar, nem sou reconhecível fora daqui. A superfície áspera de uma parede não é como eu. Não sou assimilada pelo espanar descuidado das suas mãos, e enquanto ela foi erguida com fibra e cimento, eu me desfiz em mergulhos eternos.

Não há o que possa me definir, mas se pra você eu tiver que ser qualquer coisa, então que eu seja um animal que morde o próprio rabo, pois assim serei e não serei ao mesmo tempo. E quando você tentar me capturar eu já terei sumido. Terei abocanhado o meu rabo e me devorado inteira, desaparecendo daqui pra logo reaparecer em outro lugar.

Eu não sou mensurável. Minha natureza indizível me faz mais leve que o próprio silêncio do qual sou feita. Se sou alguma coisa, talvez eu seja o suor das labaredas infernais; monstro marinho adormecido no abismo; chumbo derretido descendo pela garganta; máscara de rituais de feitiçaria; som de lâmina retalhando o ouvido; símbolos satânicos de livros ancestrais; baba sulfúrica das três cabeças de Cérbero; erupção vulcânica corroendo o fígado; veneno de doze serpentes do Nilo...

Meu gosto, meu cheiro, minha voz – nada em mim é familiar. Mas se por algum descuido eu vier a ser, somente na mistura venenosa do ópio dos xamãs é que farei algum sentido. Mas eu nunca me descuido. Eu nunca durmo, nem nunca acordo.

Eu não sou Teresa. Eu não sou uma parede. Eu não sou você.

INVERNO

Alguém entra. O outro está sentado, com a cabeça entre as mãos.

O OUTRO – O que você está fazendo aqui?

ALGUÉM – Vim te explicar porque ainda não parti, como tu vens esperado esse tempo todo.

O OUTRO – Qual o sentido disso, de qualquer forma?

ALGUÉM – Eu quero estar aqui quando tiver a certeza de que não te amo mais. Quero estar nesta sala, como agora – hoje ou daqui a mil noites – e saber pra sempre que tudo o que eu sentia por ti se foi. Que essa névoa que você afogou dentro de mim se dissipou. Quero ser a imagem congelada do teu desespero quando eu finalmente me virar e partir. Olhar pelo canto do olho, numa esquina qualquer da cidade, e te ver abrir a boca, hesitando entre me pedir pra ficar ou engolir um *whisky* pesado pra esquecer quem eu fui aqui.

O OUTRO – E quem te garante que isso vai acontecer?

ALGUÉM – Um dia. Seja pela minha vontade ou pela tua, porque tudo o que fizemos juntos, fizemos tu e eu, e se tu insistes em me lembrar disso, eu te concedo esta visão que faz tudo parecer mais cruel dessa esquina onde tu já te encontras.

O OUTRO – É noite. Preciso dormir.

ALGUÉM – Então lembra sempre que aqui começa o nosso final: se não parto agora é porque antes vou te desamar até te perder no primeiro café, como um guarda-chuva largado num dia de sol, sem nenhuma utilidade senão a de ser esquecido pra sempre. (*saí*)

OUTONO

Você me perguntava sobre a ironia da vida. Pois bem. Esse é um assunto delicado.

Aqui estou eu, longe de tudo, cercado por quatro paredes ásperas que me sufocam. Minha procura é infinita, porém os meus encontros com as coisas que procuro não têm gerado nada além de mais e mais aprisionamento. Minha batalha é contra esse instinto que me corrói. Essa gota de cinismo que pulsa debaixo da pele e salta, em espasmos regulares.

Foi noticiado recentemente que uma jovem foi assassinada pelo ex-namorado no momento em que saía de uma academia na zona leste.

Se eu me sentisse próximo o suficiente, talvez pudesse esquecer.

A garota já havia prestado ocorrência à polícia alertando para o comportamento violento do rapaz.

Mas não. Eu estou longe. Longe das cidades, longe dos mares. Não há como definir este imenso vazio. É uma espécie de não estar, e frente a isso as palavras têm pouco a oferecer.

Naquela noite, pouco antes de deixar a academia, ela trocou algumas palavras com a dona do estabelecimento.

Palavras importam muito pouco quando o que se vê é apenas uma série de acontecimentos sucessivos que não se encaixam.

A garota gabou-se do quanto sua dedicação aos exercícios vinha mostrando resultados.

Talvez numa era primordial esta percepção misturada das coisas servia pra garantirmos a nossa sobrevivência.

Em retorno, a dona da academia fez elogios quanto à perfeição

do seu corpo, o que deixou a jovem satisfeita. E então ela saiu, sorridente.

De qualquer forma não garantiria nada além do que essa coisinha terrivelmente vulgar...

Instantes depois ouviu-se os tiros do lado de fora.

...chamada a sobrevivência.

Quando o barulho cessou, todos correram pra rua e foi então que a avistaram.

Porém, repudiar a mim mesmo seria o mesmo que repudiar a cultura que me criou e isso eu ainda não posso fazer.

Ela estava caída, com o rosto contra o chão e o peso do corpo sobre os braços retorcidos.

Seguir e ser, esta é a virtude daqueles que não souberam escolher. Minha ilusão é frágil e as forças que a corrompem são impiedosas.

Ela fora alvejada por seis tiros.

Minha família encontra-se toda no tampo de carne que salta quando, num descuido, o fio invade a minha pele e acaricia cada uma das etapas da minha epiderme.

Teve o tórax, o abdômen e o rosto perfurados. Meses de esforços perfurados e jogados ao chão.

Não sou adepto do sangue, não é isso. Mas é que eu trago dentro de mim uma pústula de cinismo e contra isso nenhum homem é calmo o suficiente.

E aí está. Uma notícia de jornal. Nada mais prosaico, porém nada mais eficaz para provar que a ironia – assim como deus, pra alguns – está em todas as coisas.

ESQUECIMENTO

Estou a 5 minutos de um colapso. Eu sei, eu sinto isso. Não consigo explicar, mas sinto.

Ela é silêncio enfadado. Quando a conheci ela tinha aquele ar de enfado com todas as coisas da vida. Não era planejado. Talvez no início fosse premeditado, mas ela deve ter passado tanto tempo fazendo isso que agora lhe soa como uma segunda natureza.

Preciso sair desta cidade. Não há mais nada a se fazer por aqui. Talvez mais uns drinks, uma ou duas trepadas e chega.

E ela é incrivelmente linda. Porém, sempre me pareceu que ela está travando uma incessante batalha com essa qualidade, talvez porque a beleza dela, assim, visível a todos, insiste em contradizer qualquer sinal de uma provável insatisfação mais profunda. Uma insatisfação consigo mesma, desde sempre. Desde que se viu no espelho pela primeira vez e só o que conseguiu fazer foi se entediar profundamente .

Há pouco valor em cada um dos anos que tenho vivido até aqui, e mesmo que isso te ofenda, é exatamente isso o que eu sinto.

O silêncio tem acompanhado as minhas noites, numa batida lenta e inexpressiva, como se perscrutando todos os cantos da minha vida. Sem saber o porquê ou o que estou procurando, eu continuo através desse silêncio até que um estrondo irrompa em meus ouvidos e das minhas orelhas escorra o sangue quente que me libertará.

Não quero mais ouvir. Quero ser inexistente para qualquer pessoa. Preso em meu universo de insônia, não há mais nada que eu deseje, exceto o silêncio e o esquecimento.

Você já cravou suas unhas no desespero de uma hipótese até

sentir a pele da certeza ceder? Numa dessas noites intermináveis eu me peguei perfurando a camada rochosa do meu desamparo – que foi a única coisa que você me deixou – e fui arrancando pedaços de represas, engarrafamentos, usinas nucleares e todo o tipo de lixo que se acumulou no meu caminho até aqui e vi o passado emergir em coágulos pulsantes, como algas marinhas dançando sobre os meus pulsos. Imóvel, sentindo o meu rosto descolar do meu crânio como uma máscara que quer partir, o som lá fora havia cessado e apenas um gosto amargo de tempo amortecido me subia pelas narinas. Depois ele voltou e então, numa rebeldia triunfal, empurrei de volta tudo aquilo que vazava de mim e lambi meus braços com a mesma devoção de um cachorro esfolado que cambaleia perdido numa autoestrada. E então adormeci e sonhei. Vi a certeza saltar como um ladrão e cravar suas garras no pescoço escorregadio da hipótese, e vi sangrarem algas que dançavam ao contrário e cachorros impiedosos acidentando automóveis. E nessa noite eu entendi que o passado não significa coisa alguma, nem silencia o urro constante do desespero que mora na nossa consciência.

PARA UM AMOR CASUAL

Uma carcaça imóvel, sem conseguir sair deste lugar onde você me deixou, sem saber como reagir ante a esse teu desespero de existência – uma existência pra além de mim. Um desespero de incompreensão e egoísmo. Se tu soubesses quantas noites passei em claro tentando te compreender ou se chorasse ao perceber quantas vezes eu sorri e fingi estar tudo bem, mas por dentro uma mão elétrica me movendo, perguntando por que eu continuo aqui, por que não me afasto antes que a minha sorte seja mais amarga. O que ainda posso esperar se tudo o que você me deu até aqui foram apenas

coisas que eu imaginei serem tuas, mas que sempre foram o meu desejo em ti? Tu nunca me compreenderás, mas não porque eu não esteja disposta a me fazer compreensível. Tu nunca o farás porque não é da tua natureza olhar pra dentro de ti mesmo. E se tu observas apenas o que está fora é porque é lá que as coisas fazem sentido dentro de ti. E é talvez lá, no leito sombrio do desamparo, que o teu desespero enfim desaba e adormece todas as noites.

“OUSE”

Quando tu me procurou e me guardou junto a ti eu nada havia estranhado. Quando me recolheu do chão – que antes era o meu lar – e me acariciou entre teus dedos e então pedaços de mim passaram na imensidão da tua pele, eu pensei que fazias aquilo pra me proteger. Hoje eu sei que não era essa a tua intenção. E se agora estou aqui, exilado na imensidão, é porque a ti interessava o peso do meu corpo dividido nos teus bolsos, pesando sempre, como é da natureza dos que creem. E foi por acreditar em ti que me expandi em montanhas e assim, mais e mais, vim te arrastando pro olho negro dessa prisão abissal que é agora a minha casa.

Eu flutuava num desespero de retorno e tu me puxava nos teus bolsos (o delicado aceno da loucura), e enquanto descíamos, cada vez mais submersos no abismo gelado, os meus pensamentos vagueavam por segredos úmidos e paradoxos de mortalhas. E aqui estou eu: pedra silenciosa jorrando ressentimentos, esperando que um dia alguém encontre esta garrafa e transmita a você, do modo mais fiel possível, esse meu lamento das profundezas.

PONTO FINAL

Eu sou espaço.

Ponto. Vírgula, ponto. Ponto. Vírgula, vírgula, ponto.

Espaço.

Vírgula, vírgula, vírgula, ponto. Ponto. Vírgula, ponto.

Espaço.

Ponto. Ponto. Vírgula, ponto e vírgula. Ponto e vírgula. Ponto e vírgula. Ponto e vírgula. Ponto e vírgula. Ponto e vírgula. Ponto e vírgula. Reticências.

Espaço.

Vírgula, vírgula, travessão, ponto. Vírgula, ponto. Ponto. Vírgula, ponto.

Espaço.

Ponto. Ponto.

Espaço.

Ponto final.